



NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO VII
Nº. 25

EDIÇÃO DA
SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual n.º 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal n.º 73 de 9 de março de 1954

CGC 83.721.639/0001-93

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob n.º 02 no Livro de Registros de Pessoas

Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicada trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Direção: Ayres Gevaerd

Composta e impressa na Gráfica Bandeirante — Brusque — SC.

A IMIGRAÇÃO ITALIANA

VICTÓRIO LEDRA

Este artigo pretende ser o primeiro de uma série a ser publicada em "Notícias de Vicente Só — Brusque — Ontem Hoje" a pedido do eminente amigo, Ayres Gevaerd, esforçado e eficiente Diretor da Revista, a quem se deve a manutenção de sua publicação.

Para quem gosta de história, para quem tem interesse em conhecer suas origens, ou compreender o grande drama da Imigração Italiana no Brasil, acredito que os artigos poderão proporcionar interessante leitura.

Pretendo traduzir do texto italiano, inserido na obra "LA SOCIETÀ ITALIANA DI FRONTE ALLE PRIME MIGRAZZIONI DI MASSA" (A Sociedade Italiana Diante das Primeiras Migrações de Massa), publicada pelo "Centro Studi Emigrazioni" de Roma, em 1968, uma seqüência de matérias relacionadas com a Imigração Italiana no Brasil.

A obra registra a contribuição de Monsenhor Scalabrini e de seus primeiros colaboradores à tutela dos emigrantes italianos.

Giovanni Batista Scalabrini foi Bispo de Piacenza, na Itália, e preocupou-se grandemente com o problema da emigração.

Para iniciar a série, transcrevemos a seguir um trecho da mensagem que o mesmo encaminhou ao Deputado Paulo Carcano, em fins de 1888, época em que estava em discussão na Itália um Projeto de Lei regulamentando a emigração.

A certa altura de sua exposição escreve:

"Amigos íntimos de S. Paulo, Brasil, como o honorável Moneta, em seu telegrama ao honorável Crispi, afirmam as graves condições dos emigrantes italianos, enquanto especuladores da Província de Mântova, sem garantia de seriedade, servindo-se dos "reclames" de além mar, continuam a inscrever centenas de famílias, em deplorável estado, velhos inválidos, mulheres grávidas, crianças de peito. Os cidadãos honestos pedem informações e propõem minha ida ao local, para verificar pessoalmente. Para ressaltar estes dolorosos fatos, julgo oportuno transcrever aqui a seguinte página, gravíssima, que tive oportunidade de ler, com muita emoção, no "Corriere della Sera", de 29 de outubro deste ano:

"Um médico milanês, docente em Gênova, nos escrevia a respeito uma carta, chamando nossa atenção para a sorte dos emigrantes que embarcam em Gênova. Este doutor também pede, em nome da humanidade, que a Prefeitura de Gênova tome providências para dar qualquer abrigo provisório, que livre dos rigores da estação aos emigrantes que fazem escala nesta cidade, antes de embarcar. Insiste principalmente sobre a emigração para

o Brasil, que qualifica de comércio desumano, que exorbita dos limites de um comércio honesto e livre. Não se pode, neste caso, falar de emigração, mas de tráfico de brancos.

Covém observar que o Governo do Brasil organizou ultimamente um serviço de agenciamento, com amplos recursos, para atrair emigrantes da Europa para as Províncias do Império.

Na ocasião, firmava um contrato com uma poderosa Agência de Emigração, segundo o qual os emigrantes são gratuitamente transportados para o Brasil. Os agentes que recrutam na Itália dirigem-se aos campos. todos já conhecem com que miragens seduzem os camponeses. Na verdade; estes, em muitíssimas Províncias, encontram-se em tão miseráveis condições que abocanham de imediato a isca dos engajadores, especialmente as propostas de viagem, gratuita de seus lugarejos até o Brasil; por isto, sem maiores formalidades ou precauções, os chefes de família assinam contratos em branco, nos quais o Governo do Brasil se reserva o direito de dispor como melhor entender de suas vítimas, quando lá tenham chegado.

Pois bem, cumpre observar que o Governo brasileiro foi induzido a fazer sacrifícios financeiros, já que a Agência Oficial de Imigração paga, em média, 130 libras de viagem e 10 libras de corretagem, por emigrante engajado. Tem seus fortes motivos para isto. Está vivamente impressionado com o despovoamento, há longos anos lamentado, de suas Províncias infestadas pela febre amarela e pela falta de trabalhadores após a libertação dos escravos.

Os escravos emancipados pelos últimos Decretos, negam-se a servir seus antigos patrões, reúnem-se em associações para assegurar também sua independência econômica, e muitos até emigram da terra odiada que os viu crescer escravos. Era, pois, necessário substituí-los; e o Governo brasileiro percebeu que a matéria prima existe em abundância nas várias regiões da Itália.

Os nossos emigrantes, apenas chegados ao Brasil, são internados nas províncias abandonadas, infestadas pela febre amarela. Está a eles reservado substituir os escravos indígenas recentemente emancipados. Alguns, mais precavidos, recusam-se ao internamento, mas o Governo, por força do contrato em branco, os obriga. Assim, aqueles que não pagaram tributo aos maus tratamentos, às doenças, durante a travessia do mar, têm que lutar com a febre amarela. E muitos médicos italianos, que vêm de lá, asseguram que a mortalidade é enorme, pavorosa.

Os infelizes que sobrevivem, acabam por retornar à Itália, magros, esqueléticos, em estado misérrimo. Em Gênova, quase todos os dias temos provas terríveis disto.

Apesar de tudo, a emigração para o Brasil torna-se a cada dia mais numerosa, exatamente por causa da viagem gratuita. No findo mês de outubro, ao menos sete mil camponeses se transportaram para o Brasil, nos vapores: São Marcos, Carlo Biaggio, Fortunato Raggio, Pó, S. Giorgio, Bourbogne, Villa de S. Paulo etc...

Muitos milhares de outros colonos devem partir em novembro e dezembro. Nos navios que partirão nesses meses, todos os lugares já estão reservados e as Sociedades de Navegação fretam vapores para satisfazer à demanda.

Que fazer, portanto? Se caridade, igualdade e fraternidade não são vãs palavras, é necessário, meu amigo, tentar alguma coisa para arrancar aqueles míseros de tão acerbos desventuras.

As grandes causas, tu o sabes, necessitam, para triunfar que algum indivíduo se sacrifique por elas inteiramente, e o indivíduo, pronto a sacrificar-se pela causa de que me ocupo, eu o encontrei. Partirá brevemente para um giro de inspeção além mar; examinará pessoalmente as várias localidades que melhor se apresentem para implantação de nossas colônias e estudará atentamente as condições sob todos os aspectos. Estou certo de que empenhará todas as forças de seu engenho e de seu coração e me participará com prestimosidade todos os resultados de seus estudos.

Então aos muitos eclesiásticos, preocupados com o futuro de seus paroquianos, que não conseguem dissuadir de emigrar, e que me perguntam freqüentemente para onde devem encaminhá-los, sem medo de errar, eu poderei responder com toda segurança: para lá".

OBSERVAÇÃO:

Nos próximos artigos traduziremos os relatos do emissário do Bispo de Piacenza, Giovanni Batista Scalabrini, a cerca de suas viagens pelos núcleos de emigração italiana no Brasil.

Por eles se verá que o jornal diário, "Corriere della Sera", não foi muito fiel em seu relato, já que o Governo brasileiro não trazia os imigrantes italianos apenas para povoar regiões infestadas pela febre amarela como parece dar a entender a matéria jornalística. Ocorria localizarem-se imigrantes também em zonas infestadas pela malária. Exemplo disto foi a primeira tentativa de colonização do Alto Vale do Itajaí. O Dr. Blumenau, em 1878, instalou em Riachuelo, junto a Lontras, 58 famílias de imigrantes italianos que foram dizimados pela malária. Muitos morreram. Outros fugiram, quer da febre, quer dos ataques dos índios, que trucidaram o colono Ceratti e seu filho e ameaçaram exterminar com os poucos colonos italianos restantes na região em 1885. Daí o fracasso da primeira tentativa de colonização do Alto Vale.

Mas o episódio constitui fato esporádico...

Projeto de Preservação da Rua das Carreiras

A preservação da Rua das Carreiras, que é uma obra do passado, não pode ser confundida com saudosismo; tampouco pode ser desprezada para, em nome do preço do progresso, substituí-la por outras obras, como vem sendo feito a cada dia, em vários lugares, deixando apenas uma perda irreparável. Nem saudosismo nem progressismo; devemos estar conscientes de que o presente, sempre que possível, deve ser construído ao lado do passado e não em lugar do passado, de formas que o antigo ensine a fazer o novo. Ou seja, o homem precisa assimilar os valores culturais já existentes de maneira a aperfeiçoar-se.

Temos três pontos a discorrer sobre a preservação geral: 1) por que preservar? 2) o que preservar e 3) como preservar.
POR QUE PRESERVAR?

Atualmente, sente-se cada vez mais a desfiguração das cidades onde sua história está sendo apagada pelas demolições indiscriminadas, descaracterizando-a completamente. Esta descaracterização compromete a identidade urbana, esconde sua história, esconde os passos caminhados até os dias atuais. Sem eles não saberemos no futuro contar nossa trajetória.

Somos testemunhas que a construção civil, aliada à especulação imobiliária, num fechar e abrir de olhos, tira de cena obras existentes, substituindo-as por outras. Logicamente, que é um processo inevitável e até natural, mas nessa arrancada se nos descuidarmos poderão ser apagadas obras que falam de nossas origens, de nossa evolução, enfim, de nossa história. Devemos agir antes que seja tarde para não lamentarmos depois. Esta questão se aplica à Rua das Carreiras pois há obras importantíssimas que estão ameaçadas ao desaparecimento, tanto pelo abandono em que se encontram como também pela substituição de algumas obras, como está sendo pretendido por alguns proprietários.

É importante que se tenha em mente que o patrimônio ambiental urbano da Rua das Carreiras que se pretende preservar não é produzido industrialmente, não é produzido em série e, portanto, é insubstituível. Seu valor está na autenticidade, de modo que, se perdermos este valioso patrimônio, não poderemos reconstruí-lo pois seria apenas uma cópia, uma cópia infiel.

Como já dizia a arquiteta Lucia de Oliveira: "impõe-se que se compreenda o passado sem o copiar, em contraposição àqueles que o copiam sem compreender".

Temos a responsabilidade de proteger as obras que serão necessárias à compreensão da cidade pelas gerações futuras.
O QUE PRESERVAR?

A preocupação com a preservação data do Império Romano, tendo havido uma lacuna na Idade Média, só ressurgindo no Renascimento. Mas foi só a partir das três últimas décadas que foram tomadas posições no

sentido de preservar. "Até a pouco tempo atrás, as preocupações no tocante à preservação estiveram voltadas unicamente às igrejas, conventos e obras militares", entre outras, sendo que atualmente o conceito amadureceu pois acrescentou-se aos parâmetros de qualidade de arquitetura e historicidade, os parâmetros sociológicos, ambientais, de uso, tipicidade, entre outros.

É ponto pacífico a necessidade de colaboração da comunidade na preservação do patrimônio ambiental urbano pois esse pertence a ela. É fundamental que o poder público se empenhe na preservação de sua cidade para vir de encontro aos anseios comunitários.



COMO PRESERVAR?

Quanto a este terceiro ponto, vamos nos prender a um trecho do texto contido no 4.º Caderno do Dafa de P.A. Diz o texto: "Como agente desencadeador do processo de proteção à paisagem urbana, a Prefeitura, para dar resposta correta ao como preservar terá de tomar medidas a nível jurídico, administrativo, técnico e econômico-social, cujas diretrizes básicas deverão prever:

- a defesa do interesse coletivo;
- a defesa dos bens protegidos, permitindo sua rápida utilização;
- que as técnicas especializadas necessárias à intervenção em edificações de interesse cultural sejam utilizadas de maneira lógica e racional, de modo a garantir sua perfeita restauração.

De nada adiantarão os registros de um Plano de Preservação se, simultaneamente não se der consciência ao interesse coletivo que a salvaguarda dos documentos que testemunham a civilização material da cidade são também documentos de sua identidade urbana e como tais é imperioso que se mantenham”.

Nos vários congressos realizados sobre preservação é unânime a solicitação de que a classe de arquitetos se conscientize da necessidade da luta pela preservação de nosso patrimônio ambiental urbano. Que ele sirva de instrumental na conscientização da comunidade. O mesmo apelo se fez aos acadêmicos do Curso de Arquitetura, da UFSC, e foi atendendo a este, juntamente com a atração despertada pelo tema, que sentimo-nos responsáveis em salvar da degradação a que se encontra nossa memória cultural. Após um ano de análise urbana da cidade de Brusque, pudemos conhecer o valor da Rua das Carreiras e o estado lastimável em que se encontram algumas de suas edificações. Tratamos no semestre seguinte (1.º de 82) de efetuar um levantamento das construções mais significativas, situá-las no contexto histórico e social de Brusque, propor alterações de modo a livrá-la da desfiguração e do esquecimento. Dado a urgência que este caso requer, é que estamos expondo nosso trabalho sobre a preservação do patrimônio ambiental urbano da Rua das Carreiras. Como arquitetas, estamos correspondendo aos anseios de nossa classe profissional e que não deixa de lutar pelos anseios culturais de nosso povo, caso de Brusque, que merece esta contribuição.

Achamos que a valorização da preservação deve ser semeada nas escolas, em cadeiras responsáveis pela informação de nossos valores culturais. Precisamos do apoio da Prefeitura de Brusque, bem como da comunidade na conquista da preservação do patrimônio ambiental urbano. Foi dito certa vez por arquitetos estudiosos do assunto que o patrimônio do povo cuja preservação é almejada, inclui o produto da cultura popular e ainda que com ela coexiste pois é do interesse dos setores que tem compromisso com uma transformação social mais profunda documentar a continuidade histórica em todos os seus aspectos.

Nosso trabalho não pretende ser um esforço pela mumificação da Ruas da Carreiras. Nele, cada edificação e a própria rua tem sua identidade registrada de tal forma que todos possam compreender seu sentido e seu valor sócio-cultural.

Nossa proposta é que esse patrimônio seja dinâmico e não apenas uma contemplação do passado, tanto assim que ele vai continuar fazendo parte da vida brusquense. Seus moradores, em sua maioria, continuarão lá residindo e as construções em estado precário, em nossa proposta e objetivo, serão revitalizadas de modo a participarem das atividades da comunidade. De outro lado, “um povo sem memória é um povo sem história, que não domina sua cultura, que não a detém”.

Arquiteta Denise A. B. Comandolli

Encontro com o Passado

(EINE BEGEGNUNG DER ALTEN UND DER NEUEN ZEIT)

Tradução Lúcia Steinmann, 1982

Uma senhora idosa vem pela estrada afora. Parece que há muito tempo não esteve em Brusque pois olha ao redor procurando qualquer coisa. Dirige-se à colina da Igreja Evangélica; sabe que de lá terá boa visão. À meia altura pára e fixa olhar na casa à esquerda, tendo nítida lembrança dos tempos de meninice. A casa já é antiga, não é bonita. Ela a viu a primeira vez há mais ou menos 50 anos atrás quando passava por ali diariamente. E, pensativa, continuou andando. Em frente a igreja, senta e fica a buscar imagens do passado. Lembrou-se de muitas pessoas; muitas delas, jazem hoje para sempre atrás da igreja. Que será que diriam se pudessem sair dos jazigos e observar Brusque?

"Frau Damals" — agora já é "Oma Damals" é interrompida no sonho por uma menina que vem ao seu encontro. "É uma criança brusquense, como eu também fui" — pensou a Senhora, "do mesmo modo que eu percorria esse caminho anos atrás. Ao invés da lousa e um pano úmido pendurado, esponja era luxo, ela carrega uma tiracolo de couro com reco, cadernos e livros". Então ela chama a menina. Será que ela sabe quanto suor correu antigamente para que ela pudesse ter uma escola moderna, uma casa bonita, estradas abertas, andar de bicicleta? ... E a senhora cismou de contar tudo a pequena.

— "Senta aqui perto de mim, minha filha". A menina sentou e ficou atenta às histórias do tempo de escola daquela senhora. Ela perguntou algumas coisas sobre a escola atual, depois continuou: "No lugar onde está esta linda escola havia uma casa pequena, de varandas abertas nos 3 lados da casa. Uma parede dividia-a em duas classes. Aí eram instruídas as crianças em quatro a seis disciplinas".

A menina interrompeu-a: "Mas isso deveria ser difícil para um só professor, dar lições e cuidar da sala. Minha avó também contava isso. Ela frequentou esta escola com o Prof. Lehmann".

"Veja só como me satisfaz saber que sua avó lhe contava isso. Dá um forte abraço nela. Nós estudávamos juntas. Sentávamos no mesmo banco. Ela era inteligente e estava sempre adiantada mas gostava de inventar para facilitar as tarefas. Uma vez ela se enganou. Tínhamos que fazer "concordâncias", que dava muito trabalho. Ela quis realizar de modo mais fácil e fez tudo errado. O professor não queria saber de coisas como o "bom pai", a boa mãe, a criança sábia". Deveriam ser coisas mais difíceis e suspendeu-a pela gravata. Depois, esse eficiente professor percebeu que ela não havia entendido a matéria e passou coisas mais fáceis. Pergunta sua avó se ela recorda desse caso! É interessante.

Nisto, bate o sino da Igreja. A velhinha se recorda de outras cenas antigas. "Lá atrás, onde estava antigamente a casa do Pastor, tinha um corredor ladeado por palmeiras, por onde o Velho Simsen subia para bater o sino três vezes ao dia. Passava na casa do Pastor, tomava café, já pronto — vinha de longe, da Rua das Carreiras — e cuidava da casa quando a família viajava. Até dormia lá. Ele gostava de fazer redes de pesca. Quando o Pastor chegava, a cavalo, o velho dizia: "eu já toquei o sino". Traduza-se por "eu sofri".

"Frau Damals" recordava-se então da Rua das Palmeiras: "que construção é aquela lá atrás, onde havia uma casa de três andares, perguntou para a menina.

— É a nova maternidade. A antiga ficava do outro lado da colina da Igreja mas essa de certo já estava aí quando a senhora era criança.

— Não, minha filha. Naquela época, atrás do cemitério, havia uma grande pastagem do Sr. Spengler. Maternidade ainda não havia em Brusque.

Ao que a menina perguntou: E de onde o pessoal buscava os nenéns?

Frau Damals riu: "Mutter Joenck trazia os bebês numa bolsa grande".

A menina ficou admirada: — Então Mutter Joenck tinha muito trabalho levando nenéns para todas as casas.

— Tens razão. Ela cansou muitas vezes, noite e dia, com vento e chuva, sempre disposta a trazer criancinhas para a Comunidade daqui e a prestar os primeiros socorros. Por isso, Brusque nunca vai esquecer de Mutter Joenck.

Ela, então, se lembra vagamente de uma moça, de rosto pálido, magro, que tossia e parecia cansar quando falava.

— Você vê lá atrás, onde está a loja da Firma Renaux? Havia aí um casebre em que moravam três mulheres. Eram a Senhorita Klotilde, a mãe e a avó. Não sei muito delas, mas como era difícil a elas viver! Duas vezes por semana as meninas da vila iam aprender da Srta. Klotilde crochê e tricô, mas foi por pouco tempo porque um dia, me recordo, minha mãe disse: "agora ela descansou". Outro dia, foi para a igreja; levava flores na mão. O caixão trazia coroas.

A menina ficou assustada e olhava para a velhinha não entendendo o que se passava. Desta vez não se arriscou a quebrar o silêncio. Observou mais uma vez a idosa que agora fitava a descida da colina. E ficou aliviada. A Senhora, olhando rua abaixo, disse:

— Quanto movimento de carros na rua principal, um mais bonita do que outro!

A menina ficou contente e respondeu: — Olha, Oma, como são todos bonitos! De qual a Senhora gosta mais?

— Repare este preto. É o mais elegante. A menina então conseguiu o que almejava: ver o rosto da Senhora sorrir. Mas "Frau Damals" não riu por causa dos carros. Ela mentalizava outra vez cinquenta anos atrás, a estrada cheia de buracos e de pedras, com carroças, cavalos encilhados com sacos por cima. Nos sacos havia fubá e outros mantimentos. Levavam também pedestres e crianças para a escola.

De tudo isso ela contava para a pequena que, curiosa, perguntou:

— Todo mundo andava de carroças abertas com chuva e sol quente? Isso não devia ser bom!

— Ah! Tão difícil também não era. A gente tinha guarda-chuva ou se ficava em casa. Nessa época, havia carros-de-mola e as "aranhas". Queria poder te dizer quem possuía uma delas, mas não me recordo. Havia um homem, esse me lembro bem, morava na Rua das Carreiras. Possuía carro-de-mola, com toldo por cima, quatro cavalos e fazia a ligação Itajaí-Brusque. O cocheiro, de corpo inclinado para frente, era Karl Ristow, que fazia o Correio. Não se pode pensar em Brusque sem se recordar de Karl Ristow. Não consigo. Ele trabalhou pelo desenvolvimento de Brusque, levando e trazendo correspondência particular e negócios de pessoas deste lugar. Não só, ele transportava latas de manteiga para um lugar, pacotes de jornais para outro, recados a um terceiro e ainda lhe recomendavam não esquecer.

A menina acrescenta que não devia ser fácil viajar o ano todo, como uma lesma por aquelas estradas, o carro rodando de um lado a outro, quando chovia. O bolieiro deveria ser muito bom; facilmente poderia ficar preso ou virar. Por isso essas viagens duravam dias até o destino. A volta era a mesma coisa. Às vezes, ele conduzia também algumas pessoas. E quando acontecia, Karl Ristow não tinha pressa em esperar que elas tomassem lanche ou se arrumassem. Não era uma pessoa nervosa.

Agora, pernoitar em Itajaí não era agradável. Ele contava que havia mosquitos. Quando a gente cobria o rosto parecia que os mosquitos puxavam o cobertor para fora. A menina achou graça.

— E por que ele não arrumava uma cama com mosquitoiteiro;

Agora é velhinha que sorri e cala por um instante. A menina volta rogar:

— Me conta mais das pessoas que viviam antigamente?!

Ah, se eu quizesse contar tudo, não ia sobrar tempo hoje. Mas alguma coisa posso dizer. Havia, por exemplo, o farmacêutico, Sr. Boettger. As pessoas o procuravam quando sentiam algum mal. Ele sabia cortar coisas como furúnculos; colocava tala nos ossos quebrados e tratava de outras doenças. Ele sabia tudo!

— Tudo? pergunta a menina admirada.

— Tudo é modo de dizer. Falei como se dizia há cinqüenta anos atrás. Acho que ele era meu amigo predileto, por isso te falo dele. Quando eu passava em frente à farmácia, algo me atraía a entrar. Ele sempre tinha um bombom ou banana madura. Por causa dos seus remédios contra vermes, o Sr. Boettger fez renome. À muitas crianças, se não deu alegrias, ao menos deu alívio.

Frau Damals notou que já era hora de ir.

— Quantas e quantas pessoas que em vida não citei e que me-
receriam que os de hoje falassem delas. Algumas ainda vivem em recordações; outras, já se esqueceu. Havia o Sr. Ulber que passou quase a vida toda prestando serviços na igreja da Comunidade. O Sr. Max Koehler, que por 5 vinténs a gente comprava uma cartucho de bombons. Não se deve esquecer o sapateiro Moritz que fazia nossos sapatos de passear aos domingos. Dias de semana se andava descalço. Me lembro do Sr. Strecker que nos olhava por cima e por baixo dos óculos. Frau Orthmann zelava as casas das famílias que viajavam. A família Max Jönk onde a gente ganhava fatias de pão com queijo bem grosso. E quantos e quantos rostos conhecidos que não estão mais aí, mas não estão esquecidos.

Então, "Frau Damals" disse à menina:

— Talvez daqui há cinqüenta anos você virá aqui e será então a Frau Damals. Por isso, abre bem os olhos, os ouvidos e o coração, para poderes contar a tua parte aos que viverem naquela época e não te esqueças dos antepassados. Você se sentará aqui, procurará uma criança e contará: "antigamente, antigamente..."

NOTA: Original publicado no Album do Centenário de Brusque, em 1960.

Assina "Ein Brusquer Kind".

H.H.

"Descrição do Rio Itajahy Merim"

O rio Itajahy merim, affluentte do Itajahy assu, um curso de 47710 braças desde sua barra até o seo primeiro salto. Esta extraordinaria extensão é devida às suas numerosissimas voltas, poisque em linha recta, não tem mais de 20500 a 21000 braças.

Corre de S.S.O. à N.N.E.

Sua largura média é de 180 palmos.

A velocidade da corrente é muito variavel: em certos lugares é de 0p,95 em 1" de tempo; em alguns de 2p, e em outros de 6 palmos.

O volume d'agoa, que passa em 1", foi calculado na barra, em meia maré, achou-se ser de 5 641,10 palmos cubicos.

O Salto está situado à 27.º 8'40",59 Lati.e S.

Fica à 1 541 palmos a cima do nivel do mar.

O rio neste lugar tem 18 braças de largura. As agoas correm com violência sobre e entre rochedos; é mais uma cachoeira do que um salto.

Do Salto até pouco mais ou menos 1 400 braças p.^a baixo, o Itajahy merim segue entre morros pedregosos que chegão até suas margens. Atravessa depois uma grande varzea que p.^a o Norte se estende até o território medido; Dahi um pouco acima do engenho do Paulo, o terreno percorrido pelo rio torna-se de novo montanhoso até a serraria de Pedro Jozé Werner; Deste ponto até o lugar denominado Sepultura, os morros são mais baixos e espaçados um dos outros, e da Sepultura até a barra o Itajahy atravessa uma bella varzea.

Os principaes affluentes deste rio são: o ribeirão da Gabiruba e o do Cunhandaba.

O primeiro tem suas cabeceiras na 9.^a parallela à meridiana do território medido; poder-se-ha navegar nelle com canoas até perto da 8.^a parallela à dita meridiana, depois de ter sido desobstruido dos numerosos paos cahidos que o atravanzão.

O segundo é navegavel igualmente com canoas até 3000 braças.

Alem destes dois ribeirões, o Itajahy merim recebe muitos corregos e ribeirões pequenos qe. não dão navegação, mas podem ser aproveitados para motores e alguns já o são.

As embarcações que não demandão mais de 12 a 15 palmos d'ágoa podem subir o rio até o lugar denominado Mel. Custodio, onde encontra-se a primeira Itapava formada pr. uma grande rocha granítica. Deste ponto para cima a influencia das marés ainda se faz sentir até pouca distancia. De Mel. Custodio até o engenho do Pedro José Werner o Itajahy dá franca navegação a canoas; porem deste engenho p.^a cima apparecem as itapavas que obrigão, quasi sempre, a arrastar as canoas puchando-as a mãos.

São 18 estas itapava, sendo a mais difficultosa a passar a da Figueira.

O leito do rio é de arêa até a serraria de Pedro José e desta serraria até ao Salto de rochas e seixos.

As suas margens até a Cunhandaba são baixas formadas de arêa misturada com pouca argila e deste ribeirão p.^a cima a argila vai pouco a pouco predominando e os barrancos vão ficando mais altos.

Os terrenos nas varzeas são fertilisissimas; porém quasi que não são aproveitaveis por motivo das frequentes inundações no tempo das chuvas. Em parte poder-se-hia fazer desaparecer este grave inconveniente cortando algumas das muitas agudissimas voltas que existem, obra facil e pouco dispendiosa, poisque seria sufficiente abrir valas de 5 a 6 palmos de largura com outro tanto de altura, deixando ao mesmo rio o trabalho de as aprofundir e alargar. Existem voltas de 600 braças que para serem cortadas exigirão somente a abertura de uma valla de 40 braças de comprimento. Torno a repetir que são algumas das maiores voltas que seria necessario fazer desaparecer, poisque a querer corta-las todas, a correnteza do rio augmentaria consideravelmente e a sua profundidade poderia diminuir a ponto de prejudicar a navegação.

É preciso dia e meio de viagem em canoa p.^a descer da Gabiruba à Freguezia e dous e meio até 3 p.^a percorrer a mesma distancia subindo o rio.

Entre tanto construindo-se na margem direita uma estrada que talvez não venha a ter mais de 5 legoas de desenvolvimento, tornar-se-hia facil e rapida a comunicação entre a Freguezia d'Itajahy e a Gabiruba; as terras medidas no territorio acharião compradores que até hoje se appresentarão em pequeno numero por motivo da difficultade dos transportes. É também muito provavel qe. os proprietarios das terras situadas nas margens do Itajahy, que todos sentem a falta de uma estrada, coadjuvassem o Governo na construcção de tão util obra.

Calculo a superficie dos terrenos possuidos nas duas margens do Itajahy merim em 40.000.000 de braças quadradas. A vista de tão grande extensão de terras occupadas poderse-hia suppôr que a lavoura existe em grande escala. Infelizmente assim não acontece, sendo isto devido principal-

mente ao diminuto numero de proprietarios de extensos terrenos e ao grande impulso qe. tem tomado a extracção das madeiras.

Contão-se neste rio: 12 engenhos de serrar; 7 ditos de fazer farinha; 2 de fubá; 1 de soccar arroz e uma olaria.

A sua exportação annual é de 18 000 duzias de taboas; 8 000 alqueires de farinha; 400 alqueires de arroz e alguns milhares de tijolos; perfazendo tudo o valor de perto de 200 contos de reis, dos quase 150 provem das madeiras.

O gado vacum empregado nestes diversos engenhos orça por 900 cabeças.

A população do rio Itajahy merim pode ser avaliada em 2 000 almas, das quaes 480 empregadas nos engenhos de serrar.

Ainda ha muitas madeiras de lei, porem já é preciso ir procura-las bastante longe das margens do rio.

As principais madeiras são: cedro, canella, Peroba, Oleo G.ª

Um pouco abaixo do Salto, n'uma das voltas do rio, existem ainda vestigios de uma antiga lavra de ouro. Perto do mesmo salto, em diversos poços, acha-se ouro em pó em pequena quantidade. Em todas as itapavas ha muito quartz opaco.

Rio de Janeiro em 5 de junho de 1860

(ass) C. Rivieri

Notas Para Apresentação Deste Documento

Dia a dia começam a aparecer novos documentos que esclarecem a colonização na região do rio Itajaí-mirim. Este documento foi encontrado no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e deve ser inédito para os trapistas da SAB. O documento foi escrito pelo engenheiro Rivieri após sua viagem no Itajaí-mirim, provavelmente entre abril e junho de 1860. A leitura nos sugere algumas colocações:

- 1 — os planos da colonização partiram da Corte, com objetivos específicos e cargos determinados;
- 2 — a localização da futura colônia coube ao Diretor Schneéburg, embora já indicada por esta descrição. Ele teve conhecimentos antecipados da região, o que lhe permitiu um procedimento eficiente e dinâmico na demarcação da sede e dos lotes coloniais. Numa oportunidade, o próprio Schneéburg menciona a área de 40.000.000 braças quadradas calculadas por Rivieri.
- 3 — a descrição cita os primeiros moradores (Paulo Kelner, deve ser este um deles); a fertilidade das terras, embora as chuvas e inundações; e, a extração da madeira, que foi um grande negócio para a região. Muitos dos empreendimentos de João Bauer foram financiados pelo comércio da madeira, principalmente o da "Empresa Hidro-Elétrica". Para solucionar este problema, sugere o corte do rio (já naquela época) e a implantação de um caminho até a barra, que deveria seguir pelo lado direito do rio.
- 4 — constam indicações para navegação: distâncias, demoras, vazão das águas, calado... Então, explica o que aconteceu do Porto até o lugar "Vicente Só", após a leitura da reportagem do Dr. Caminhoá, já publicado nesta revista.
- 5 — o mesmo Rivieri deve ser o responsável pela localização da colonização irlandesa, no Ribeirão Águas Claras.
- 6 — possivelmente, o documento acompanhava um mapa; talvez aquele que o próprio Schneéburg tinha consigo.

ALOISIUS CARLOS LAUTH

Observações Históricas do Arquivo Nacional:

MEDIÇÕES EM SANTA CATARINA. LIVRO N.º 253 — RELATÓRIO DE 23 DE NOVEMBRO DE 1861.

O engenheiro civil Carlos Felipe Garçon Rivierre declara que em 1858 tem medido as terras onde hoje está a bela Colônia Brusque, cujas boas terras já foram quase todas medidas.

Propõe abrir uma estrada da Colônia para Porto Belo, afastada do rio Itajaí-mirim por causa das enchentes; seria melhor do que aquela que pretendem construir à beira do rio Itajaí-mirim para a Vila de Itajaí.

Aconselha abrir uma picada para Lages, encontrando aquela que, há três anos passados, alguns homens abriram do Alferes para o morro da Boa Vista e trouxeram gado dos campos de Lages, em 6 a 8 dias.

Nas terras da Colônia Brusque tem muita madeira boa, mas grande parte já foi tirada pelos donos das serrarias (Pedro José Werner, de Itajaí; Franz Salenthien, negociante da Vila de Itajaí; e, Paul Kelner, em Pedras Grandes. Kelner abandonou Blumenau em 1852 e, em 1855, já estava montando sua própria serraria quando os índios o atacaram...)

A 31 de dezembro de 1861, o engenheiro civil Carlos Felipe Garçon Rivierre recebeu ordem da Diretoria das Obras Públicas de Santa Catarina de fazer a planta de uma picada entre a Colônia Brusque e a antiga Colônia D. Afonso, do Ribeirão do Braço ao Itajaí-mirim. A planta custou ao Governo 110\$800 réis. Em seguida, o cidadão Felipe Sestrem devia comunicar se esta picada daria trânsito cômodo a um cargueiro carregado.

(ass.) Ignacio da Cunha Galvão — Chefe da Diretoria

Escrivão José Ant.º Pimentel Bueno Júnior

NOTAS DE FREI ESTANISLAU SCHAETTE, OFM

O Pe. Schwierling Chega aos Sertões de Vidal Ramos

Certa feita, procurando ajudar o Sr. Ayres Gevaerd na redação da Revista Vicente Só, tomamos a liberdade de re-escrever os "Dados Históricos de Vidal Ramos" do Engenheiro Geraldo Gebler, publicado (1) logo após. O artigo fora traduzido do alemão, possivelmente ditado pelo autor, já em idade avançada, para uma linguagem pouco compreensível no vernáculo.

Na ocasião, nos perguntávamos por este padre. Quem era, qual sua pastoral na Colônia? Não seria outro? Na ausência de melhores informações, transcrevemos, infelizmente, então "Pe. Spierling". O padre é o mesmo, mas o nome correto é Schwierling. Pe. Schwierling, o herói do Alto Vale do Rio Itajaí-Mirim.

Pe. Augusto Schwierling nasceu em Lichtenau, na Westfália, Alemanha, a 25 de fevereiro de 1872. Ordenou-se sacerdote a 23 de março de 1895 e seu espírito de missionário o fez atender ao apelo do Pe. Eising para o serviço pastoral na região de imigração. Chegou ao Brasil, então, em 1908, para ser Coadjutor do Pe. José Sundrup, na Paróquia de Joinville, ex-Colônia Dona Francisca. Pouco antes, 12 de dezembro de 1906, falecera o maior propagandista da pastoral imigratória, Pe. Carlos Boergershausen.

Logo depois, foi transferido para a Colônia Teresópolis (SC). Muito abnegado e dinâmico, Pe. Schwierling não perdeu de vista o bem-estar dos colonos têtos a ele confiados, principalmente os de São Bonifácio, Capivari, Armazém e Teresópolis, onde era vigário. Prevendo uma rápida divisão das terras das Colônias Oficiais, originário da numerosidade das famílias advindas, Pe. Schwierling fez-se acompanhar de alguns homens e embrenhara-se nas matas seguindo o Rio Itajaí do Sul, rumo às terras novas do sertão. Dessa busca de terras para o seu povo, a exemplo dos personagens bíblicos, surgiram lugarejos como Ituporanga e Vargedo, na Serra dos Faxinais.

Foi assim também que teve início a colonização de Vidal Ramos, a migração aos sertões. a sua primeira incursão à procura das cabeceiras do Rio Itajaí-Mirim, alvo principal, eles alcançaram, por engano, as cabeceiras do Rio Alto Braço. Só alguns anos mais tarde as encontraram de fato. Gebler fala no ano de 1918, enquanto o Pe. Koch (2) calcula 1920 "aproximadamente". E assim nasceu o povoado sob a influência da Igreja. Os primeiros desbravadores foram Henrique Bloemer, Pedro Werner, Nicolau Petri, Francisco J. Weber, João Back, João Boing, vindos de São Bonifácio e de Vargem do Cedro (no Capivari). Desconhecendo o proprietário das terras, instalaram-se na Fazenda do Alto Itajaí Mirim, "Boa Esperança", nome dado ao vargado pela verdejante paisagem e certamente boa terra para plantações de milho e fumo. Mais tarde então, o proprietário Constâncio Krummel os procura para regularizar a situação das terras. Os colonos desconheciam a situa-

ção e alegaram terras devolutas do Estado. A intriga causada pela recusa dos colonos é narrada por Gebler, de tudo quanto participou.

No decorrer dos anos seguintes, vieram novas levas de colonos advindos de Angelina, São Pedro de Alcântara, Vargedo e outros, imigrantes que não se adaptaram ao sistema das colônias oficiais, centrado no trabalho agro-pecuário.

Pe. Schwierling, anualmente, vinha de São Bonifácio, a fim de prestar assistência religiosa aos novos colonizadores. As viagens eram feitas a pé ou a cavalo, atravessando serras e rios perigosos, matas bravias, onde ainda imperavam o índio e as feras.

Foi assim que nasceu a "Colônia São Sebastião", que originou o Município de Vidal Ramos. Desde cedo teve sua escola e capela, na qual as rezas eram dirigidas pela Sra. Celestina Goedert Kreuch. E como o nome do marido fosse SEBASTIÃO, nada admira o fato de São Sebastião haver sido escolhido como padroeiro daquele sertão. Ela também foi professora do lugar. E a primeira "Casa Comercial" foi montada pelos irmãos Erich e Karl, filhos de August Stoltenberg. Entre a Capela São Sebastião e a Colônia São Luiz Gonzaga, de picada a picada, agiam Martim e Jacinto Bugreiro.

A nova Igreja Católica foi construída em 1934, por um construtor de Nova Trento, sob a orientação de Francisco Goedert e João Boing. Mas a sede paroquial chegou apenas pelo decreto de 1951. Foi primeiro vigário o Pe. Bernardo Koewner, SCJ. Pouco antes, 1945, Pe. Schwierling se transferiu para Azambuja para tratamento de saúde. Aí, ao pé da Virgem Maria que tanto venerou, ele descansou no dia 16 de janeiro de 1960. Sua memória junto aos "bugreiros" do sertão, jamais se apagará. Em 1975, os seus restos mortais foram trasladados para São Bonifácio, por ocasião da terraplanagem do antigo Morro do Cemitério de Azambuja.

por ALOISIUS CARLOS LAUTH

NOTAS:

- (1) GEBLER, Geraldo. **Dados Históricos de Vidal Ramos**, in RVS n.º II, ano III, p. 72-3.
- (2) KOCH, E. Dorvalino. **Catolicismo Centenário de Brusque**. Sociedade Amigos de Brusque, 1956

Documentos da Administração Barão Maximiliano de Schneéburg Referentes a Maio de 1864.

(RESPEITADA A ORTOGRAFIA ORIGINAL)

Illm.º e Exm.º Senhor.

Não achando aqui em parte alguma papel de desenho à venda, tomo-me a liberdade de pedir à V.ª Ex.ª que Haja por bem de Ordenar, que me seja concedida e entregue uma porção do mesmo, que se acha na Secretaria d'esta Presidencia, para que eu possa exigir do Agrimensor da Colonia Mappa Geral do Estabelecimento, e os dos lottes especiaes, obstruindo assim a desculpa da falta de papel proprio; e para que eu possa appresental-o à V.ª Ex.º e passar os títulos provisorios aos interessados como Ordenou a mesma Exm.ª Presidencia.

Deos Guarde à V.ª Ex.ª

Illm.º e Exm.º Snr.

Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

Dm.º Presidente da Provincia de Sta. Catharina

Desterro em 19 de Maio de 1864

o Director da Colonia Brusque

Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 21 de maio de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

Sobre o pedido junto com data de 21 de Maio corrente, que por intermedio e fiel interpretação minha por escrito, appresento à V.ª Ex.ª, dos requerentes: Pedro José Werner, e Pedro Jacob Heil, tenho a honra de informar respeitosamente à V.ª Ex.ª que acho muito respeitavel e digna de todo louvor a digna intenção dos fieis Offerecentes peticionarios.

Porém, se o Governo Imperial decreta e consigna os fundos para a edificação de uma Igreja Catholica, o que como esperamos não tardará, o lugar já marcado para esse fim estaria assim tomado pela dita Capella; e destruir então essa Capella com tanta fé e tanto custo às expensas dos fieis da nossa Religião Catholica edificada para substituil-a pela Igreja do Gover-

no, seria não somente a maior injustiça como irritaria indubitavelmente os espiritos, causaria opposição grave e offenderia seriamente os nobres sacrificios dos espontaneos Edificadores da Capella, e ceder o melhor lugar já por um Snr. Presidente em pessoa e com propria mão marcado julgo não poderá ter lugar sem graves e forçosos motivos.

Todavia, se os peticionários queirão escolher outro lugar que sei, muito apropriado por uma Capella boa, tãobem em uma colina ainda com matto, más dentro da Sede da Colonia immediato no fim da Rua principal, que eu lhes aconselharei, tudo poderá ser accomodado e V.^a Ex.^a determinará como por bem houver.

Deos Guarde à V.^a Ex.^a

Illm.^o Exm.^o Snr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

Dm.^o Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia

Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 21 de Maio de 1864.

Illm.^o e Exm.^o Snr.

Submetto com summo respeito à Decisão de V.^a Ex.^a o pedido boccál que me dirigirão, e do que me encarregarão de appresentar por escrito à V.^a Ex.^a Pedro Jozé Werner e Pedro Jacob Heil em nome delles.

Pedro Jozé Werner, proprietário de Serraria, Olaria e do territorio chamado Vicente-sõ proximo contiguo e só separado da Sede da Colonia pela largura do Rio Itajahy-mirim, é homem abastado e de bons costumes.

Pedro Jacob Heil, colono, proprietario de varias casas na Sede da Colonia e negociante na mesma, é homem bem aranjado e de bons costumes.

Ambos são Catholicos zelosos, pais de familias sem nódoas; e sentidos pela longa falta de uma decente Igreja Catholica pelo Governo a edificar, já tinhão há muito tempo offerecido, o que relatei immediatamente à Ex.^a Presidencia, de contribuirem para a factura da mesma Igreja, que devia ter o nome: Nossa Senhora do Socorro: por ser Esta a Padroeira escolhida da Colonia.

O primeiro com todo o taboado para o assoalho da Igreja e com o Sino para a torre.

O segundo com aquelle denheiro e outros objetos, que seus meios permittissem.—

e outros fieis se declararão promptos de contribuirem segundo as suas forças com denheiro ou Serviços braçaes.

Não vendo até agora a realização deste Religiozo Desejo Geral, se reunirão ambos: Werner e Heil: de comum accordo no caso que a edificação da Igreja pelo Governo não se fizer em breve: de erigir às suas custas, uma boa Capella, de taboas julgo, com madeiramento todo falquejado, no lugar pelo Exm.º Senhor Ex-Presidente Pedro Leitão da Cunha, com sua propria mão marcado para a futura Igreja do Governo em o alto de uma pequena colina que domina na Sede da Colonia grande parte do territorio, e que está contiguissima em frente de uma outra Colina, destinada com a aprovação do mesmo Exm.º Snr. Pedro Leitão da Cunha para ali ser edificada a Casa da Directoria; É para isto que pedem o consentimento de V.ª Ex.ª, motivando as suas resoluções de construir a dita Capella, ex propriis, como segue:

As diversas Capellas Catholicas, pelos Colonos erigidas de fraca constrcção tosca, são tão pequenas, que nenhuma pode receber nem a 6 t.ª (sexta parte) dos fieis que affluem para as missas, practicas e festas religiosas do Reverendo Padre Vigário da Freguezia St.º Pedro Apostolo, e Cura d' esta Colonia, e assim vê-se este povo affluente e fiel obrigado de ficar exposto ao rigor do Sol ou da chuva fora da Capella sem achar abrigo sufficiente, além da fadiga de fazer o longo caminho de ida e volta, e nem comodos para ficar, expondo assim a Saude dos Seus, para cumprir com seus deveres e vocações religiosas. — Allegão mais, que há o outro inconveniente a saber que nas assistencias do Padre Catholico, ou do Pastor Evangelico na Sede da Colonia não funciona a Escola-Publica, visto que ser a Sala deste edificio o unico local que possa Servir e serve exclusivamente, para ambas as Confissões n'ella funcionar.

São estes os motivos que apresentão por intermedio meu para obterem o despacho do Consentimento à Seu pedido de V.ª Ex.ª a quem rogação de entregar-mo, para eu elval-lhes no meu regresso à Colonia.

Deos Guarde a V.ª Ex.ª

Illmo. e Exmo. Snr.

Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

Dm.º Presidente da Provincia de Sta. Catharina

Illm.º e Exm.º Snr.

Remetto aqui incluso à V.ª Ex.ª a Copia fiel da relação dos Remedios que o Dr. Linger medico da Colonia Brusque requisita, e que pertence à meu Officio a respeito, datado de 7 de Maio corrente, que teve a honra de entregar pessoalmente a V.ª Ex.ª

Sollicito à V.^a Ex.^a, que Se Sirva ordenar a Compra dos mesmos, assim a da farramenta por mim pedida em Officio de 9 do corrente, havendo dous Hiates carregados prompts a partir para Itajahy que levar podem essas urgencias, duvindando-se que sedo parte outro.

Deos Guarde à V.^a Ex.^a

Illm.^o e Exm.^o Snr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
Dm.^o Presidente da Provincia de Sta. Catharina

Desterro 29 de Maio de 1864.

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Illm.^o e Exm.^o Senhor

Veio-me remettido da Colonia Brusque, o requerimento junto de Carlos Erbs, que pede um lotte de terras com subsidios usuaes n'esta Colonia, afim de eu fazer chegar-o as mãos e determinação de V.^a Ex.^a

Nada posso informar sobre o Supplicante, pois muito pouco ou nenhum conhecimento delle tenho, e não é aqui que eu possa syndicar sobre elle.

Deos Guarde à V.^a Ex.^a

Illm.^o e Exm.^o Snr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
Dm.^o Presidente da Provincia de Sta. Catharina

Desterro em 29 de Maio de 1864.

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Illm.º e Exm.º Senhor

Devolvo junto ao requerimento, que o Reverendo Padre Vigario da Freguezia de S. Pedro Apostolo, Alberto F. Gattone dirigio ao Exm.º Ministro de Agricultura, Comércio e obras publicas com data de 1.º de Março de 1864.

Tenho a honra de informar a V. Ex.ª que de facto este Reverendo Vigario, percebe na qualidade de Capellão da Colonia Brusque uma gratificação de somente cem mil reis (100\$000) annuaes, quando o Ministro da Religião protestante de Blumenau o Reverendo Pastor Hesse percebe para o mesmo fim: de funcionar tão-bem em tempos prescriptos nesta Colonia, que dista igualmente com pequena differença, tanto da Freguezia de S. Pedro Apostolo como da Colonia de Blumenau: uma cavalgadura de trinta mil reis (30\$000) mensaes, ou Reis (360\$000) por um anno de gratificação por estes serviços externos.

O Reverendo Padre Catholico tem setecentas e tantas ovelhas e 5 Cappelas no interior, legoas e legoas entre si distantes — e o Reverendo Pastor Evangelico, duzentos e tantos seus correligionários em sua Capella no Interior de administrarem os socorros espirituaes, e de funcționarem conforme os seus Ritos.

Acho por tanto e no meu fraco pensamento justo e de equidade saliente, que o Governo Imperial Attenda ao pedido do Requerente Snr. Vigario Alberto F. Gattone, Capellão da Colonia Brusque, e lhe Defira como requer, sendo a pratica de todos e diversos actos da Religião Catholica a Celebrar para quasi duas terças partes da população sujeita a excessiva fadiga e mesmo dispendiosa.

Deos Guarde à V. Ex.ª

Illm.º e Exm.º Snr.

Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

Dm.º Presidente da Provincia de Santa Catharina

O Director da Colonia

Illm.º e Exm.º Senhor

Não tendo recebido a minha gratificação mensal de duzentos mil reis (200\$000), que percebo pela verba Colonisação desde o 1.º de Janeiro até o último de Maio próximo passado, e tendo se apresentado ao Sr. Inspector da Thezouraria o meu Procurador Julio Melchior Trompowsky para receber a quantia de um conto de reis (Rs. 1:000\$000) que me é devida e da qual muito preciso para satisfazer a diversos pagamentos à que estou obrigado, foi elle, digo, foi lhe respondido pelo mencionado Snr. Inspector: que se acha accabada a verba por onde eu devia ser pago; e por que me seja muito prejudicial de voltar à Colonia sem receber a quantia mencionada vou respeitosamente sollicitar de V.ª Ex.ª que Ordene à Thezouraria o pagamento (que peço) sob responsabilidade de V.ª Ex.ª.

Deos Guarde à V.ª Ex.ª

Illm.º e Exm.º Snr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

Dm.º Presidente da Provincia de Sta. Catharina

Desterro 1.º de Junho de 1864

O Director da Colonia Brusque

Barão de Schneéburg

Número 25 — Ano VII — Tiragem de
— 500 exemplares —

A Sociedade Amigos de Brusque
agradece ao prezado médico brusquense

DR. DÉCIO S. KORMANN,

residente em São Paulo, a generosa con-
tribuição financeira dada a esta Revista.